
As fontes de informação na comunicação das ONGs ambientalistas¹

Glauco Rodrigues Cortez²

Maura Voltarelli Roque³

Resumo: Análise das fontes de informação utilizadas na comunicação de dez ONGs ambientalistas do interior do estado de São Paulo com o objetivo de identificar a amplitude e a concepção destas fontes (qualitativa), bem como o número e a frequência de vezes em que elas aparecem nas notícias veiculadas nos canais de comunicação das ONGs com a sociedade (quantitativa). A conclusão avalia a constituição ou não destas ONGs como autênticos espaços de comunicação.
Palavras-chave: fontes de informação; ONGs ambientalistas; espaços de comunicação

Abstract: An analysis of the information sources used on the communication of ten environmental NGOs located in the inner cities of São Paulo's state with the objective of identifying the amplitude and conception of these sources (qualitative), as well as the number and frequency of times that they appear in the news transmitted in the communication channels of NGOs with the society (quantitative). The conclusion evaluates the constitution or not of these NGOs as authentic communication spaces.

Keywords: information sources; environmental NGOs; communication spaces

Este trabalho busca empreender uma análise das fontes de informação utilizadas pelos canais de comunicação de dez ONGs ambientalistas do interior do estado de São Paulo com o objetivo de identificar a amplitude e concepção destas fontes, bem como o número e a frequência de vezes em que elas aparecem nas notícias veiculadas. A partir dessa análise, buscamos chegar a

¹ Apresentado e publicado nos anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, setembro de 2010.

² Professor (PUC/Campinas). Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8026250646256390>

³ Mestranda (Teoria e História Literária/UNICAMP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1735346186516871>

uma conclusão a respeito da constituição ou não destas ONGs como espaços de comunicação (Cortez, 2005).

O jornalismo ambiental não é foco da pesquisa visto que as ONGs selecionadas são compreendidas como atores sociais e não como veículos de comunicação. Enquanto atores sociais, elas têm a necessidade de se comunicar para divulgar suas ações e dar maior visibilidade à sua causa. Neste sentido, a ONG realiza uma comunicação mais ampla do que a do jornalismo ambiental.

Uma vez utilizadas pelas ONGs, coube à pesquisa traçar um panorama das fontes procurando verificar se elas eram apropriadas para falar de determinando assunto e se havia uma diversidade de fontes que representasse diferentes segmentos sociais e estabelecesse um diálogo amplo com a sociedade. Em um segundo momento, foi estabelecida uma relação entre as fontes de informação e o espaço de comunicação. Este último consiste em um espaço de mediação dos conflitos e estabelecimento de consensos no contexto de uma sociedade que se faz cada vez mais múltipla, segmentada, dinâmica, eminentemente tecnológica e multifacetada. O espaço de comunicação absorve esta diversidade do tecido social e consegue “pairar” acima dela, abarcando e atingindo uma maioria exatamente por não se restringir a um único tema específico ou às demandas de uma única classe social. Ele não se fecha em torno de si mesmo para ser reconhecido enquanto tal, encontra sua legitimidade justamente na diversidade, processo que se dá por meio de uma proposta de comunicação ampla, democrática, que não tem espaço e sim cria espaço, não usa a tecnologia e sim converte-se na própria tecnologia, aspirando certa hegemonia (Cortez, 2005).

A lógica dos espaços de comunicação é a construção permanente de um deslocamento de sua própria origem, ou seja, um processo construtivo que tenta se legitimar por si mesmo, independente dos grupos sociais produtores desse espaço. Quando os produtores exercem um controle rígido sobre o processo de comunicação, este se tornaria incapaz de realizar um diálogo amplo frente aos diversos setores da sociedade.

Para que a comunicação se efetive e exista um real espaço de comunicação, as fontes que constroem, ilustram e dão forma a uma notícia precisam ser polissêmicas para que o tema tratado na notícia (pauta) possa ser trabalhado da forma mais isenta, completa e abrangente possível. Existe uma relação direta que se estabelece entre pauta, fonte jornalística e a própria lógica dos espaços de comunicação. Para que um veículo de comunicação ou qualquer entidade não governamental se legitime enquanto espaços, a pauta destes veículos ou entidades não deveria ser limitada sempre aos mesmos assuntos e temas. Ela deve ser abrangente, capturar a diversidade cultural à qual é inerente uma variedade de demandas sociais. Da mesma forma, as fontes não podem ser sempre as mesmas, porta-vozes de um único grupo social, defensoras de um mesmo ponto de vista e em hipótese alguma desqualificadas para falar sobre determinado assunto. É da variedade de temas e vozes a falar sobre esses temas que pode se fazer uma comunicação marcada pelo espírito da mediação cultural.

Na contemporaneidade, em que uma das urgências a emergir do cotidiano é a questão ambiental, haja vista o agravamento de problemas como o aquecimento global, aumento da intensidade de secas e furacões, extinção de espécies animais e vegetais, devastação e destruição do meio ambiente, choque entre desenvolvimento econômico e equilíbrio ambiental, o assunto meio-ambiente passa a ser ainda mais atual e relevante. No entanto, há uma grande dificuldade dos atores políticos, principalmente ONGs, conseguirem fazer com que essa temática atinja um nível de visibilidade amplo na sociedade, de forma a provocar mudanças na postura dos cidadãos capazes de reverter o processo de degradação ambiental. Por outro lado, as ONGs têm se popularizado como uma alternativa possível de mudança social.

No que diz respeito às fontes de informação, estas têm extrema importância para a atividade jornalística. São as fontes que conferem credibilidade a uma notícia, ilustram uma reportagem e aproximam a realidade representada por qualquer veículo de comunicação do cotidiano. São as fontes que podem dar ao jornalismo maior isenção se forem qualificadas para falar de determinado assunto, e também se representarem diferentes visões de um mesmo acontecimento.

A hipótese defendida por este trabalho seria a de que as ONGs ambientalistas ainda não se constituem plenamente como espaços em seus projetos de comunicação porque não contemplam a variedade do tecido social, limitando-se a uma temática predominantemente ambiental, o que tem como consequência direta a diminuição do impacto que essas ONGs provocam na sociedade. Ainda que sejam entidades que trabalham com o meio ambiente, a comunicação mediadora exige uma capacidade de diálogo social que extrapola os limites temáticos da própria entidade. No mesmo movimento em que as ONGs se limitam a um único tema, abarca-se apenas um segmento de público: aquele que possui interesse nas questões ambientais. Os outros setores sociais não são contemplados e a ONG perde em abrangência e alcance comunicacional.

Esse artigo está dividido em três momentos: o primeiro é a revisão bibliográfica sobre fontes de informação. Optou-se por utilizar teóricos da comunicação que refletem sobre a importância e o papel de protagonista que a fonte desempenha na comunicação jornalística e também buscamos um olhar filosófico que pudesse ampliar o entendimento sobre a fonte para além do que se discute dentro dos limites do jornalismo.

Ao pensar a fonte jornalística é impossível dissociá-la de seu discurso, da sua forma de ver e entender o real. É o discurso que, em última instância, justifica a existência da fonte e permite delinear seus propósitos e intenções, bem como sua capacidade de legitimar um processo de comunicação. Michel Foucault em *A Ordem do Discurso* (2009) expõe as limitações e subjetividades de um discurso “controlado e manipulado”, por isso dialogamos com suas reflexões neste artigo para melhor problematizar a fonte de informação.

A segunda etapa compreendeu uma pesquisa documental feita por meio da análise dos sites das ONGs ambientalistas, particularmente, das fontes de informação utilizadas. As fontes foram descritas no que diz respeito à sua produção jornalística, diversidade e amplitude social.

Em um terceiro momento, levando em consideração uma análise qualitativa dos resultados, buscamos estabelecer uma relação direta entre a

concepção e amplitude das fontes de informação utilizadas pelas ONGs e a lógica de existência, construção e conquista de um espaço de comunicação na contemporaneidade.

A fonte jornalística

Nilson Lage (2006) analisa a fonte de informação como um dos elementos básicos e constituintes de uma reportagem. O autor não só apresenta e define a fonte jornalística, como também a discute e elabora respostas para questões que surgem diante do relacionamento do jornalista com essa “outra pessoa” da qual ele não sabe quais são os reais interesses, as chances de ela lhe dar uma declaração falsa ou verdadeira, o que a motiva, bem como o que pode estar por trás de suas atitudes.

Um dos pontos enfatizados por Lage em sua análise das fontes de informação diz respeito à necessidade de prestar atenção ao discurso da fonte; todos têm seus interesses e Lage mostra que a fonte pode não mentir, mas isto não é garantia de que ela esteja dizendo a verdade. Muitas fontes, especialmente políticos, são treinadas para estar convencidas daquilo que dizem e se mostrarem convincentes perante a opinião pública.

Lage (2006) também fala sobre a natureza das fontes. Em uma primeira categoria as divide em oficiais, oficiosas e independentes. Fontes oficiais, segundo ele, falseiam a realidade por motivos dos mais variados que vão desde a preservação de interesses estratégicos até o benefício de grupos dominantes. A sonegação de informações também é comum entre as fontes oficiais. Já as oficiosas, como não falam oficialmente em nome de uma instituição, representam muito mais seus interesses particulares, revelando fatos que permanecem escondidos sob o discurso das fontes oficiais.

As fontes independentes estão ligadas principalmente às chamadas Organizações Não Governamentais (ONGs) no Brasil e Organizações sem fins lucrativos nos EUA. Em relação a elas, Lage também alerta que é preciso ter cautela no que diz respeito ao seu discurso já que membros dessas organizações

defendem uma causa ou interesse específico e podem chegar a manipular dados da realidade para que seu interesse e sua causa primeira não sejam afetados.

Em uma segunda categoria, Nilson Lage classifica as fontes em primárias (fornecem fatos, versões e números) e secundárias (são consultadas para a construção de premissas). Lage cita um exemplo para tornar didática a explicação: no caso de uma descoberta acidental de peças antigas, a fonte primária seria os descobridores que forneceria as primeiras informações e impressões do acontecimento, mas quando, em um segundo momento, confronta-se a opinião deles com a de um historiador ou com documentos do arquivo municipal, que seriam as fontes secundárias, tem-se uma averiguação mais completa da informação.

Mário Erbolato (2006) classifica as fontes como diretas, indiretas e adicionais. As diretas são pessoas ou documentos envolvidos diretamente com o fato. As fontes indiretas são pessoas ou documentos que sabem de um fato apenas circunstancialmente, mas não estão diretamente envolvidas com ele. Fontes adicionais seriam aquelas que fornecem informações suplementares ou ampliam a dimensão da história. A necessidade de apuração de todos os dados colhidos pelo repórter é também discutida pelo autor que estabelece as cinco formas para a apuração da notícia: observação direta, coleta, levantamento, despistamento e análise.

Já Luciene Tófoli (2008) busca uma definição de fonte que além de incorporar os aspectos inerentes à fonte no que diz respeito à sua constituição objetiva, também incorpora as questões ideológicas e de interesse que movem e orientam o seu discurso, sendo capaz de demonstrar ou omitir algo que interesse à sociedade, a ela própria (fonte), ou à empresa ou instituição em que se trabalha.

A autora assegura um espaço em sua reflexão sobre a fonte de informação jornalística para discutir os critérios que orientam a escolha de uma fonte. O primeiro critério do qual ela trata diz respeito à autoridade que a fonte tem para falar sobre determinado assunto. A autora lembra que, muitas vezes, o status da fonte não quer dizer que ela necessariamente tenha conhecimento, neste caso,

ao escolher uma fonte apenas pela sua qualificação e não pela informação que esta possa oferecer, o jornalista pode incorrer em um equívoco que só será notado no momento em que a pessoa tiver que expor um conhecimento que, na realidade, ela não possui.

Tófoli lembra outro critério a ser observado na escolha da fonte. Além da autoridade é necessário observar a credibilidade. “É inegável que muitos analistas financeiros podem falar sobre negócios. Porém é preciso saber até que ponto o que eles dizem é credível” (Tófoli, 2008).

A questão da escolha das fontes de informação e dos critérios a orientar essa escolha também é discutida pela jornalista Cremilda Medina (2004) que vê a escolha da fonte de informação como ponto de partida para a entrevista. No entanto, por trás daquilo que parece ser um simples processo de escolha, a autora vê uma espécie de ditadura da oferta de fontes e uma predeterminação de quem se deve ouvir no contexto de um processo autoritário de produção noticiosa. “A predeterminação de quem se deve ouvir na reportagem é inerente ao jornalismo acoplado a grupos de poder (econômico ou político ou cultural)” (Medina, 2004).

Este autoritarismo institucional acentuou a limitação de vozes no circuito da comunicação coletiva e, em última instância, fez com que a pluralidade dos pontos de vista fosse negada à sociedade brasileira através do grande sistema da indústria cultural. Outra consequência desta realidade foi o reforço da voz oficial em detrimento das vozes anônimas do debate nacional. Nas palavras de Medina, “verificou-se a extrema centralização de fontes de informação em todos os temas (pautas) que diziam respeito diretamente a qualquer cidadão brasileiro” (Medina, 2004).

Em diferentes situações narradas em seu livro, Medina procura mostrar que aquilo que realmente está em jogo e se faz importante é a seleção de fontes de informação promovida pela pauta dos meios de comunicação, uma seleção que apenas se fará justa e abrangente a partir do momento em que buscar a descoberta e renovação das fontes de informação na permanente busca daquilo que a autora chama de Diálogo Possível. “A seleção das fontes de informação

terá de se enriquecer através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, da qualificação humanizadora dos entrevistados descobertos” (Medina, 2004).

Um dos elementos dessa relação entre o jornalista e a fonte diz respeito ao contraditório. O jornalista deve sempre dar voz ao maior número possível de fontes envolvidas em determinado fato, dar espaço para opiniões e versões diferentes que tornam, em última instância, a sua representação da realidade mais próxima desta última. Sobre essa questão do direito ao contraditório e também sobre a responsabilidade do jornalista em sua relação com as fontes de informação, Felipe Pena (2005) chama atenção para o fato de que no jornalismo “não há fibrose. O tecido atingido pela calúnia não se regenera. As feridas abertas pela difamação não cicatrizam. A retratação nunca tem o mesmo espaço das acusações” (Pena, 2005).

No entanto, quando se fala em fonte de informação, além de definições, classificações, relação entre fonte e jornalista, critérios a serem seguidos no momento da escolha, é necessário ter uma visão mais ampla e reconhecer que sempre há um discurso se materializando na voz emitida por qualquer fonte de informação, na qual coexistem outras tantas vozes que se articulam e dão uma forma final a este discurso, como mostra Foucault (2009).

Foucault (2009) expõe as articulações, limitações e construções inerentes ao discurso, bem como os procedimentos de controle e delimitação que atuam sobre ele, tanto os que se exercem do exterior, quanto os que se exercem do interior. A partir dessas considerações, pode-se empreender uma análise a respeito das limitações que são inerentes ao discurso de toda e qualquer fonte de informação. Tomando por base o que diz Foucault, se o discurso da fonte é articulado a partir de um autor principal (a própria fonte), ele já nasce limitado e, portanto, também não pode ser entendido como algo absoluto. “Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer” (Foucault, 2009).

As fontes de informação são sempre selecionadas e qualificadas, como já visto, há critérios que orientam sua escolha; não é qualquer um que pode falar em qualquer circunstância, ou seja, no discurso jornalístico verifica-se a rarefação dos sujeitos que falam, tal como diz Foucault, bem como as áreas abertas e fechadas de um discurso que se torna restrito pelas suas próprias interconexões. “Não nos encontramos (...) senão obedecendo às regras de uma “polícia” discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos” (FOUCAULT, 2009). Pode-se dizer também que há certa ritualidade nos procedimentos de qualificação e seleção de fontes de informação no discurso jornalístico, assim como, para Foucault, há uma espécie de ritualidade na qualificação dos indivíduos que falam.

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (...) define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras (Foucault, 2009: 39).

As fontes devem ser reconhecidas e entendidas a partir da ótica de seus interesses, elas nunca são ingênuas, assim como também não se faz o próprio jornalista. Ver as fontes de informação de maneira mais cuidadosa e responsável é o primeiro passo para que o jornalista saiba usá-las em benefício do interesse público e da informação.

A melhor representação do real dependerá da variedade das fontes de informação ouvidas, bem como da sua qualificação enquanto fonte competente. Quando se pensa na lógica dos espaços de comunicação que se legitimam, acima de tudo, pela variedade de temas tratados, pela habilidade em estar acima dos conflitos particulares e mais próximo do interesse geral, abarcando e mediando culturalmente as diferenças sociais, econômicas e políticas, entende-se a importância da fonte de informação para todo e qualquer processo de comunicação.

Tomando como base essas considerações que relacionam a fonte jornalística com os espaços de comunicação, realizamos uma análise do material informativo presente no site das dez ONGs ambientalistas que compreendem o objeto de estudo desta pesquisa.

Os critérios de escolha para as notícias analisadas foram o interesse público e a atualidade. No entanto, em diversos casos não havia sequer material informativo para ser analisado. Nos casos em que a comunicação da ONG com a sociedade já estava em um estágio mais avançado e havia uma boa oferta de material informativo, critérios temporais e de interesse público foram utilizados na escolha nas notícias.

Quanto ao número de notícias selecionadas no site de cada ONG, isso também variou de acordo com a oferta de material informativo. Em alguns casos, havia mais material à disposição, em outros sequer havia o que ser analisado. Buscou-se notícias publicadas nos últimos cinco anos que ainda trouxessem certa repercussão para o cenário atual.

Os procedimentos para análise do corpus escolhido basearam-se em identificar a pauta de cada notícia e as fontes de informação utilizadas. A análise da pauta permitiu perceber a amplitude e pluralidade temática que influenciou a amplitude e extensão das fontes de informação utilizadas. Como a existência ou não da variedade temática é que define a constituição de um efetivo espaço de comunicação, ao identificar essas questões nas notícias analisadas, já se esboça o movimento em direção às considerações finais.

As fontes nos espaços de comunicação das ONGs ambientalistas

A Aipa (Associação Ituana de Proteção Ambiental) desenvolve projetos como o Jornal Urtiga, a Rede Aipa de Informações Ambientais, além da divulgação de informações, realização de palestras, oficinas, entre outras atividades. Notamos uma vontade de comunicar da ONG que reconhece a importância da comunicação no que diz respeito à visibilidade e eficácia de suas ações junto à população.

Ao analisar as principais matérias publicadas em 18 edições do Jornal Urtiga no período de dezembro de 1999 a dezembro de 2005, observa-se que de um total de 18 matérias analisadas, sendo uma de cada edição, todas as 18 têm como pauta o meio ambiente ou questões relacionadas à temática ambiental.

Em relação às fontes de informação utilizadas, elas aparecem apenas em oito das 18 matérias. Verificou-se nas oito matérias um total de 14 fontes diretas e todas qualificadas para ilustrar o assunto abordado. Algumas fontes se repetem com frequência, entre elas estão Mauricio Dantas, geólogo, citado em duas matérias, uma de novembro/dezembro de 2004 e em abril/junho de 2005, e Marcelo Mattiuci, que em uma das matérias, publicada no período de março/abril de 2004, e em outra, publicada em novembro/ dezembro de 1999, aparece como coordenador Ambiental da AIPA, ou seja, uma fonte da própria instituição. Um destaque deve ser dado para a matéria “Agricultura ecológica em alta”, publicada na edição 143 do Jornal Urtiga. Nesta matéria são citadas cinco fontes diretas, todas ligadas ao meio ambiente, portanto, qualificadas para falar do assunto, mas restritas a um mesmo grupo social. Apesar disso, a matéria soube usar das fontes de informação como recurso para se aproximar da realidade representada com uma pluralidade de pontos de vista sobre o mesmo assunto.

Na análise da produção da ONG Associação Barco Escola da Natureza, nota-se um viés institucional das publicações, fato que evidencia o distanciamento da lógica do espaço de comunicação, além da predominância de temas ligados ao meio ambiente. De um total de dez notícias analisadas, todas possuem como pauta o meio ambiente, apenas quatro das dez notícias citam alguma fonte de informação direta. Verificou-se um total de oito fontes nas quatro matérias onde elas estão presentes. Em uma das matérias, com título “Navios roubam água dos rios da Amazônia”, de 21 de janeiro de 2010, são utilizadas quatro fontes de informação restritas à temática ambiental.

Na Associação Civil Crescer no Campo vê-se que a comunicação da ONG também se faz deficitária. Ela publica seus artigos e textos em jornais locais e rádios de Espírito Santo do Pinhal, cidade na qual a ONG se localiza. Já no site da entidade, o que se destaca são notícias curtas, diretas, sem qualquer fonte de informação. De um total de 15 notícias analisadas todas têm viés institucional. Não há sequer uma pauta ambiental desenvolvida e ilustrada por meio de técnicas próximas da comunicação informativa, predominando uma

comunicação meramente institucional, com divulgação e registro das ações, passeios e eventos que a própria ONG organiza.

O Instituto Triângulo se encontra em um estágio um pouco mais avançado na prática da comunicação. A entidade tem uma revista mensal chamada “Ambiente Urbano”, além de um site que reproduz o conteúdo da revista, o que já constitui um canal aberto para divulgar suas ações e buscar promover mudanças no comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente. Analisando o site do Instituto Triângulo, fica claro que a ONG tem uma proposta de comunicação mais amadurecida que outras ONGs ambientalistas, tanto no que diz respeito ao trabalho de apuração, construção e ilustração da notícia com depoimentos de fontes ligadas ao fato narrado, quanto em relação à variedade do tema tratado. De um total de dez notícias analisadas, três delas têm uma pauta que utiliza fontes de informação de maior amplitude. As fontes utilizadas nessas três notícias passaram a representar outros setores da sociedade que dificilmente têm espaço em sites de ONGs ambientalistas. Uma dessas três notícias com título, “Produtores de Alimentos Orgânicos formam associações”, publicada em seis de janeiro de 2010, contempla na sua pauta um pouco da questão da alimentação, além da questão ambiental que também se faz presente. Como consequência da ampliação da pauta, a matéria traz uma diversidade de fontes de informação, são seis fontes ouvidas apenas nessa matéria. Estas fontes vão desde ambientalistas e diretores de organizações ambientais, até produtores comuns, agricultores, lavradores e outros. A outra pauta diversificada veio em uma matéria publicada no dia seis de janeiro de 2010 com o título “SP começa a distribuir vacinas contra a Gripe Suína”. Nesta matéria a pauta é saúde, o que também permitiu que outro tipo de fonte de informação fosse ouvida. De um total de dez notícias analisadas, oito delas têm alguma fonte de informação direta e nestas oito matérias há um total de quinze fontes utilizadas.

Já no Ipê (Instituto de Pesquisas Ecológicas) fez-se a análise de onze notícias publicadas no período de setembro a dezembro de 2009. Todas têm como pauta um tema ambiental com viés institucional e apenas em duas delas

são utilizadas fontes de informação. A ONG faz, a todo o momento, propaganda de si mesma e de suas ações.

A Magos (Movimento Ambiental Gestão e Organização Social) mantém um site como meio de comunicação e, nas palavras de Adauton Vieira, presidente da entidade, reconhece a importância da comunicação para as suas atividades. No entanto, a Magos tem dificuldade para realizar e colocar em prática sua política comunicacional, haja vista o fato de que praticamente não há material informativo no site da entidade para ser analisado.

A Associação Ambientalista Copaíba acredita que o foco comunicacional são ações que levem a cumprir a sua missão ambiental, ou seja, os objetivos locais de reflorestamento. Analisando as notícias publicadas pela ONG em seu site, percebe-se que essa postura se confirma na prática. De um total de quinze notícias analisadas, todas têm temática ambiental e pelo menos oito delas são claramente institucionais. As fontes são sempre personalidades e especialistas ligados às questões ambientais, representando apenas um segmento da sociedade. Prova da pequena amplitude das fontes de informação está no fato de que nas quinze matérias analisadas, uma mesma fonte foi repetida três vezes, sendo que de um total de treze fontes utilizadas nas quinze matérias, seis delas são fontes institucionais. Das quinze matérias, apenas em nove delas são utilizadas fontes de informação.

Para o Instituto Ibiosfera, a comunicação é uma prática de extrema importância para divulgar as ações da entidade e também aproximá-la do público, no entanto, não há um trabalho jornalístico possível de ser analisado.

A ONG SOS Cuesta de Botucatu não tem uma política direcionada para a comunicação por falta de recursos financeiros. A entidade mantém um site na internet que veicula notícias majoritariamente institucionais, como é o caso da notícia publicada com o seguinte título: “ONG elabora proposta de Plano de Arborização Urbana para Botucatu”. Nesta a informação principal é de que a ONG SOS Cuesta de Botucatu foi convidada pela Prefeitura Municipal da cidade para elaborar uma proposta de arborização urbana. A notícia não cita sequer uma fonte de informação, além disso, restringe a pauta aos temas ligados ao

meio ambiente. Outras informações são referentes a eventos promovidos pela entidade.

A ONG Vale Verde aposta na variedade do cotidiano e sabe aliá-la de forma equilibrada às pautas ambientais. No site da entidade convivem algumas notícias de temática ambiental, com certo viés institucional, com destaque para as ações promovidas pela ONG, mas, ao mesmo tempo, também há um espaço para notícias que abarcam outras temáticas do cotidiano e despertam interesse em outros segmentos sociais. Há notícias sobre os tremores do Haiti que ocorreram no início de 2010, fato que além de ter uma dimensão ambiental também tem uma dimensão social e humana; também há uma notícia sobre as consequências da nova gripe (H1N1) que se espalhou principalmente no ano de 2009, além de questões ambientais que resvalam em questões políticas, como uma notícia sobre prazo para assinatura do acordo de Copenhague. Mesmo entre as notícias institucionais, há uma temática mais abrangente que não se restringe apenas ao meio ambiente, como acontece na matéria “Maquete Vale Histórico”, publicada em quatro de junho de 2009, que além do tema ambiental também traz um motivo educacional, o que possibilitou uma maior amplitude das fontes de informação. Além de uma ambientalista, também foi ouvida uma coordenadora pedagógica.

Entre 14 notícias analisadas, seis delas constituem matérias propriamente ditas, as outras oito restantes são pequenas notas sobre acontecimentos do cotidiano, com temas um pouco mais variados. Em uma matéria, publicada em 19 de junho com o título “Reciclagem de óleo”, um síndico de condomínio é utilizado como fonte, o que possibilitou uma representatividade maior de um grupo social que, apesar de afetado pelas questões ambientais, não está inserido especificamente dentro da área de atuação ambiental. Vê-se que as fontes de informação são diretamente proporcionais à variedade de temas. Se a pauta rompe os limites da temática ambiental, as fontes crescem em amplitude e refletem outras demandas, de outros grupos sociais.

Uma reunião dos dados quantitativos obtidos a partir da análise documental feita – essencialmente qualitativa – permite traçar um panorama

para visualizar melhor a predominância da temática ambiental entre a pauta das ONGs ambientalistas. No total, foram 93 matérias analisadas dos sites das dez ONGs utilizadas para a pesquisa. Das 93 matérias, 87 têm como temática principal o meio ambiente e questões relacionadas a ele, 41 matérias foram consideradas institucionais, com objetivo de refletir a própria entidade e não a sociedade. No que diz respeito às fontes de informação, apenas 34 matérias de um total de 93 utilizam fontes de informação.

Gráfico 1: Porcentagem de matérias que utilizam fontes de informação

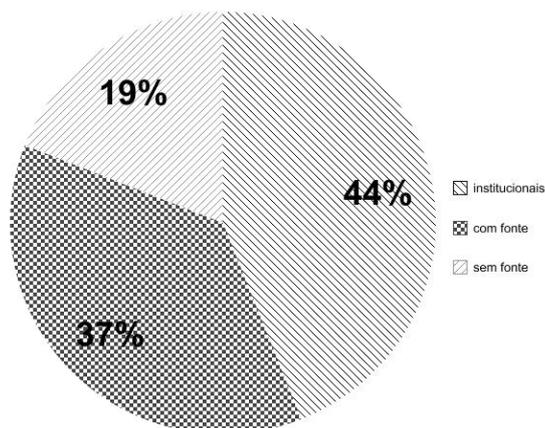
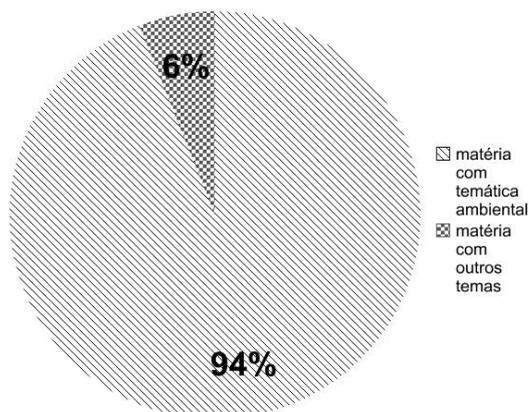


Gráfico 2: Predominância de pautas ligadas ao meio ambiente



Conclusão

A partir da análise das fontes de informação utilizadas na comunicação das dez ONGs ambientalistas, conclui-se que raramente seus jornais ou as notícias veiculadas no site tratam de outros temas do cotidiano que dizem

respeito, interessam e afetam a vida de muitas pessoas. Pode-se pensar que, obviamente, esta é a lógica comunicacional das ONGs ambientalistas: falar da temática em que atuam. No entanto, dentro da concepção dos espaços de comunicação, esta lógica é restritiva da capacidade comunicativa. Como consequência desta restrição à abordagem de temas e visível uniformidade e constância do assunto tratado, as fontes utilizadas acabam sendo, majoritariamente, as mesmas. A maioria delas são pessoas ligadas à área ambiental, que ocupam algum cargo público relacionado ao meio ambiente ou professores especializados nessa área, quando não são integrantes da própria ONG e, neste último caso, fazem uma espécie de jornalismo com “auto-entrevista”.

Não existe pluralidade nas vozes utilizadas pelas ONGs, já que estas pertencem a um mesmo grupo de interesse ligado às questões ambientais. Existiria pluralidade se as fontes ouvidas fossem de diferentes áreas de interesse e, para isso, os assuntos abordados também deveriam ser diferentes. Se a ONG falasse um pouco de cultura, economia, política, enquanto aborda questões relacionadas ao meio ambiente, pessoas ligadas à política, cultura, economia, dentre outras, poderiam compor um grupo heterogêneo de vozes ouvidas e poderia existir, talvez, uma pluralidade.

A primeira conclusão que se pode tirar da análise das fontes é que estas são restritas a certo grupo social, representando apenas um número reduzido de pessoas e não uma parcela mais ampla da sociedade. Outro ponto diz respeito à falta de fonte em matérias. Muitas se apresentam sem fontes, apenas com declarações indiretas ou referência a dados que em sua maioria já haviam sido usados por outros meios de comunicação. Verificou-se também que o número de fontes indiretas é maior que o número de fontes diretas, bem como o número de matérias sem fonte é maior do que o número de matérias nas quais se buscou recorrer ao depoimento de pessoas ligadas ao assunto tratado.

Na lógica dos espaços de comunicação, o fato de a amplitude das fontes de informação ser pequena, reduzida a um único segmento da sociedade, já exclui a possibilidade de as ONGs ambientalistas constituírem espaços de

mediação social. A lógica do espaço mediador é a de estabelecer um diálogo amplo na sociedade, abarcar uma variedade de interesses e classes sociais.

O foco principal de uma ONG ambientalista é o meio ambiente, mas essa é uma atividade fim que não pode subjugar as possibilidades comunicativas com a sociedade. No momento em que há essa subjugação da comunicação, as ONGs tornam-se incapazes de se utilizarem de todo o potencial comunicativo e do conhecimento histórico presente na atividade jornalística. As possibilidades são inúmeras dentro da comunicação e não se trata de eliminar a temática ambiental, muito pelo contrário, a essência e proposta do espaço de comunicação se pauta pela polissemia; o que pode ser feito, portanto, é somar, não eliminar. Uma mudança dentro dessa perspectiva não significa a negação da razão de ser das ONGs ambientalistas, mas, pelo contrário, é uma forma de valorizar e resgatar ainda mais a essência e o objetivo primeiro da ONG ou qualquer outra instituição social: estabelecer um elo capaz de interligar a diversidade cultural da sociedade às questões ambientais.

Ao longo do artigo, destacou-se a frequência com que aparecem notícias institucionais na comunicação das ONGs. Esse tipo de comunicação é essencial para que um ator social aumente sua visibilidade e divulgue mais suas ações e propostas. O problema, no entanto, é ficar refém dela. A proposta do espaço de comunicação é mostrar que aliando a comunicação institucional e os assuntos ligados à temática ambiental a outros assuntos (política, economia, cultura, educação, saúde...) os atores sociais serão capazes de atingir um alcance e uma influência muito maiores, com maior possibilidade de provocar mudanças efetivas na produção jornalística.

A ideia é que os atores sociais percorram o mesmo caminho percorrido pela grande imprensa ao longo da história. Esta soube, em certo sentido, apropriar-se dessa diversidade do tecido social e alcançar certa legitimidade mediadora. É esta percepção que falta aos atores sociais para que eles passem a se comunicar de fato.

É possível, entretanto, já enxergar algumas mudanças. Em uma das ONGs ambientalistas analisadas nesta pesquisa, a AIPA, na edição 155 do Jornal

Urtiga, uma matéria foi publicada com o título de “Vítimas da Guerra”. Ao ler a matéria, percebe-se o trabalho e desenvolvimento de uma pauta com uma linha mais ampla. No texto, que fala sobre vítimas da guerra, estão presentes alguns problemas e temas ligados ao meio ambiente, mas também aparecem temas políticos, econômicos, sociais e históricos. Mas, talvez o melhor exemplo de diversificação de pautas e fontes de informação esteja na notícia publicada no dia 14 de dezembro de 2009, no site da ONG Instituto Triângulo de Desenvolvimento Sustentável, com o título “Música para brindar a chegada do verão”. A matéria traz a notícia de um show do grupo “Suburb Blues”. A fonte de informação utilizada na notícia é um músico, integrante da banda, uma fonte totalmente diversa da que até agora se viu nas notícias publicadas nos sites das ONGs analisadas.

Concluimos, a partir destes exemplos, que abrindo espaço para outros temas, valoriza-se o primeiro de todos eles; é como se o diferente resgatasse o constante e realizasse uma espécie de devir da ideia que se defende, das mudanças que se anunciam e que, na atualidade, ainda caminham lentas. O excesso monotemático é capaz de ofuscar e, paradoxalmente, é na relação com o outro que se constrói a existência. A armadilha desse excesso parece explicar porque atualmente existem tantas ONGs ambientalistas e as mudanças em relação ao meio ambiente são tão pequenas. A comunicação que as ONGs estabelecem com a sociedade não alcançou toda sua potencialidade e, talvez por isso, mudanças efetivas de conduta e de opinião sejam ainda incipientes.

Referências

- CORTEZ, G.R. *O Espaço da Comunicação: por uma teoria do espaço mediador social*. Tese de Doutorado. IFCH/Unicamp, Campinas, 2005
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de Codificação em Jornalismo*. 5ª Ed. São Paulo: Ática, 2006
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 18º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os Elementos do Jornalismo*. 1º Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003
- LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006

MEDINA, Cremilda. *Entrevista O Diálogo Possível*. 4º Ed. São Paulo: Ática, 2004

PENA, Felipe. *Teorias do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005

TÓFOLI, Luciene. *Ética no Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

ONGs Ambientalistas:

Aipa – Associação Ituana de Proteção Ambiental (www.aipa.org.br)

Associação Barco Escola da Natureza (<http://www.barcoescola.org.br>)

Associação Civil Crescer no Campo (www.crescernocampo.org.br)

Instituto Triângulo (<http://www.triangulo.org.br/site/index.asp>)

Instituto de pesquisas ecológicas IPÊ (http://www.ipe.org.br/index_home.asp)

Magos (<http://magosambiental.org.br/historico.htm>)

Associação Ambientalista Copaíba (www.copaiba.org.br)

Instituto Ibiosfera (<http://www.ibiosfera.org.br>)

S.O.S Cuesta (<http://www.soscuesta.org.br>)

Vale Verde (<http://www.valeverde.org.br/sys>)